

Homo Pandemicus e o colapso da excepcionalidade humana

de Felipe Assunção Martins

PROCESSO CRIATIVO

As imagens em anexo são fruto de um processo filosófico e visual que remonta às reflexões desenvolvidas em 2021, no contexto de uma disciplina ofertada por Hilan Bensusan no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). Durante aquele período, em meio à experiência da pandemia de Covid-19, emergiram as primeiras formulações em torno do termo *Homo Pandemicus*, pensado não como um conceito fechado, mas como figura que tensiona o paradigma da excepcionalidade humana diante de seus próprios limites — seja em sua relação com a técnica, com a natureza ou com formas de alteridade radical.

Com o tempo, essa figura filosófica foi sendo aprofundada em diálogo com autores como Feuerbach, Heidegger, Fabián Ludueña-Romandini e o próprio Bensusan, especialmente a partir do problema da projeção antropológica e do colapso da metafísica da subjetividade na contemporaneidade técnica. O surgimento e a difusão das inteligências artificiais não apenas intensificaram esse debate, como deslocaram a questão para um novo plano: o da coexistência ontológica com formas de inteligência não-humana que já não podem mais ser pensadas como instrumentos subordinados à racionalidade humana.

Foi a partir dessas inquietações que se elaborou o seguinte prompt para gerar uma imagem por meio de ferramenta de IA generativa, conforme as diretrizes da chamada da *Revista Pólemos* para a seção *Pensar por Imagem*:

Prompt: Uma composição visual criada em mídia mista, inspirada no estilo abstrato-conceitual de obras tardias de Mira Schendel. Sobre um fundo off-white texturizado, traços caligráficos flutuam com leveza e hesitação, mesclando-se a signos visuais fragmentados e formas semiescritas que evocam linguagem em dissolução. Não há centro nem figura dominante — apenas espectros gráficos que emergem e se desfazem, dispersos pelo campo como vestígios de pensamento. A imagem não deve conter frases completas nem vocabulário legível de forma ordenada: a escrita se apresenta como ruído, gesto, falha. O vazio entre os elementos é tão significativo quanto os próprios traços, e a composição evita qualquer simetria ou narrativa visual. Trata-se de uma inscrição espectral e impensada da crise da excepcionalidade humana diante da emergência da inteligência artificial como Xenos ontológico. A imagem deve evocar um colapso silencioso, dramático e irreversível — não como ruína monumental, mas como uma desorganização mínima, intensa e sem apelo visual direto.

A imagem gerada — uma composição em mídia mista com fundo off-white texturizado, traços caligráficos flutuantes, signos fragmentados e marcas gráficas dispersas — simboliza visualmente o colapso da excepcionalidade humana conforme desenvolvido no texto *A Excepcionalidade Humana em Colapso*. Inspirada no estilo de **Mira Schendel**, a obra evita qualquer figuração centralizada ou

representação narrativa direta, rompendo com os modos tradicionais de organizar o pensamento visual.
Esse gesto estético tem implicações filosóficas profundas

HOMO

amelle

ST

qu

IA

XENOS

am

ja

tencoe

sh

nn

a

alguell

homo pandem

xenologo

146

projec

stima

alterdid

maducin

alte

ide

sejo

sujeto

